

## **GÊNERO E CLASSE: REFORMA OU REVOLUÇÃO**

Sempre que discutimos a questão da mulher – se é um problema de gênero ou um problema de classe – muitas companheiras ficam com dúvidas. As mais importantes são:

- 1) Assim não estamos jogando a solução do problema da mulher para o socialismo? O que fazemos então agora, no capitalismo?
- 2) O socialismo poderá resolver o problema da emancipação feminina?

Nós, marxistas, partimos das premissas reais para analisar os problemas, e não de dogmas ou concepções arbitrárias. São os indivíduos reais, suas ações e suas condições materiais de vida que determinam as suas relações sociais. A estrutura social e o Estado brotam constantemente do processo de vida de determinado indivíduo. Ou seja, a formação das idéias, o pensamento, o trato espiritual dos homens e mulheres se apresentam como emanção direta de seu comportamento material.

Como disse Marx, os homens são os produtores de suas representações, de suas idéias, e o ser do homem é seu processo de vida real. Por isso, para analisar duas idéias e chegar ao homem de carne e osso, não partimos do que os homens dizem, representam ou imaginam, mas do homem real, para chegar a entender as suas idéias, porque ele pensa desta ou daquela forma.

Para analisar então a situação da mulher hoje, no capitalismo, é preciso partir de sua situação material de vida. A mulher trabalhadora e pobre, e a mulher negra em particular, constituem a maior parcela feminina da população mundial. E a realidade dessa mulher é uma realidade dura, de desemprego ou subemprego, o que aumenta sua dependência em relação ao homem (que apesar de tb estar afetado pelo desemprego é em menor escala que a mulher) de ausência total de garantias de sobrevivência mínima. Sem emprego, a mulher não tem

condições se emancipar em relação ao homem. Morre aqui portanto a primeira grande condição para a igualdade de gênero.

Essa situação material de vida leva a mulher a ter uma idéia sobre si mesma, sobre sua condição de mulher. A mulher mais atrasada acha que isso é normal, que é assim mesmo, a “mulher nasceu para sofrer”, para ser uma sombra do homem. As inúmeras seitas religiosas e os meios de comunicação de massa ajudam a reforçar essa ideologia, que tem assento nas condições materiais de vida. A mulher que está despertando para a luta e já tem um nível de consciência mais elevado, acha que é preciso acabar com o desemprego e com a miséria. Ela vê que a mulher rica não sofre esses problemas, e que, portanto, existe uma diferença entre elas.

A opressão da mulher é um problema muito sensível na sociedade burguesa. Algo que a burguesia não conseguiu resolver e que é uma fonte permanente de contradições. Por isso, a luta pela igualdade de gênero é um esforço sobrehumano que a burguesia faz por enquadrar as mulheres trabalhadoras e camponesas na cidadania, no Estado burguês. Como dizem as feministas no Equador, é a luta pela “cidadanização” da mulher.

### **1) Não estamos jogando a solução do problema para o socialismo?**

Quando dizemos que **um mundo socialista é possível e que só nele vamos poder discutir verdadeiramente as questões de gênero**, algumas cras argumentam que para implementar o socialismo sem formas de discriminação devemos fazer a discussão de gênero a partir de agora, do contrário, fica a impressão de que basta esperar o socialismo e tudo estará resolvido. Logo, a discussão seria secundária hoje.

Bem, o que dizemos é exatamente isso: a discussão sobre gênero é secundária. Na verdade, não é secundária, **é errada! É um erro classificar o problema da mulher como um problema de gênero.** Talvez ele possa vir a ser encarado assim no socialismo, quando já tivermos vencido o problema de classe e então poderemos discutir se o gênero feminino é considerado inferior ao gênero masculino ou vice-versa.

Mas hoje, no capitalismo, é um erro ficar repetindo esse chavão do gênero. É uma fórmula pronta, criada pelas mesmas correntes que dizem que o problema da sociedade é uma questão de cidadania. É um chavão igual ao de gênero, que todo mundo fica repetindo sem saber direito o que é, e que mascara a luta de classes. Dá a idéia de que no capitalismo isso é possível, basta reformá-lo. É um grande engodo, que devemos repudiar!

### **Se fosse um problema de gênero, poderia ser resolvido no capitalismo**

Dizer que o problema da opressão da mulher é uma questão de gênero é propor a união de todas as mulheres, ricas e pobres, burguesas e trabalhadoras, em prol de medidas reformistas que encontrem a suposta “igualdade de gênero”. Isso já ocorreu no passado, na época de ascenso do capitalismo, quando mulheres de todas as classes se uniram para conquistar direitos democráticos, como o direito de voto, o direito à educação, o direito de herança. Foram conquistas da democracia burguesa.

Hoje, acreditar que isso continue a ser possível é acreditar que a democracia burguesa ainda é possível. Nesse regime, os valores universais de igualdade entre os homens e entre os sexos e as raças eram apregoados pela burguesia e ela, como classe, se propôs a alcançá-los. E no momento de ascenso do capitalismo, de fato algumas

conquistas foram alcançadas. Mas isso acabou, não existe mais possibilidade de a burguesia cumprir nem mesmo essas mínimas tarefas democráticas.

Se para alcançá-las foi necessário, em determinado período histórico, apelar para a igualdade de gênero, já que o gênero é tudo aquilo que unifica as mulheres e que as torna diferentes dos homens, hoje a resolução do problema da mulher passa justamente pela divisão entre as mulheres das distintas classes.

O capitalismo é um regime econômico assentado na divisão. Se baseia no princípio de que para que uns tenham tudo, outros devem não ter nada. Para que haja países ricos, deve haver países pobres. Para que haja países imperialistas, é preciso haver países coloniais ou semicoloniais. Para que haja patrões, deve haver empregados. Para que haja exploradores, deve haver explorados. Uns vivem de parasitar os outros. Essa é a lei inexorável do capitalismo, que Marx já havia visto no século 18, quando escreveu O Capital.

Isso não mudou com a globalização, com a “modernidade”, com a informatização das sociedades. Pelo contrário. Aprofundou-se. Estamos vendo isso todos os dias na TV, na guerra dos EUA contra o Afeganistão.

A situação da mulher insere-se nessas condições e não em outras. A sua opressão serve para a sua exploração. O mesmo ocorre, em nível mais amplo, com o conjunto dos trabalhadores. Eles também vivem uma situação de opressão dentro da sociedade, e ela serve para manter e aprofundar os níveis de exploração. Um maior ou menor nível de opressão é necessário para se manter as condições de exploração. Os setores da classe trabalhadora mais explorados são também os mais oprimidos, os que têm menos direitos, os que são marginalizados. Para que haja opressores, deve necessariamente haver oprimidos. A mulher é oprimida para que o homem seja o opressor. A mulher é inferior para o que o homem seja superior. Para que haja alguém mandando, é preciso haver alguém obedecendo. Um está atrelado ao outro.

Por isso, não se pode acabar com a opressão dentro do capitalismo, porque a opressão é uma via de mão dupla,

O problema da mulher é tributário do grande problema social que temos pela frente, que é a luta entre capital e trabalho, a divisão da sociedade em classes sociais, entre exploradores e explorados. Esse grande problema é que gera os demais problemas, entre eles, o da opressão da mulher.

O problema da mulher é que ela não tem emprego, não tem um salário digno para viver, não tem assistência pública de boa qualidade para sua saúde, não tem proteção à maternidade, é vítima de violência doméstica. A mulher negra sofre tudo isso em dobro, porque acumula nas costas o preconceito racial. A mulher burguesa não sofre nada disso.

Por isso, devemos lutar contra as questões ligadas à opressão da mulher – como empregos diferenciados, salários menores, assédio sexual, violência doméstica e inúmeros outros, dentro do marco de classe, ou seja, dentro da classe trabalhadora e como parte de seu programa pelo socialismo, e não misturando mulheres de todas as classes. Porque essas questões, que são questões da democracia burguesa, já não são resolvidas pela burguesia, passaram para o programa proletário. Devemos ter claro, portanto, que, por mais avanços que façamos, só poderemos ter uma solução mais completa quando acabarmos com o capitalismo.

Nós sabemos que um outro mundo é possível: um mundo socialista, e só nele vamos poder discutir verdadeiramente as questões de gênero, quando homens e mulheres vivam em igualdade de condições. Só assim a mulher poderá libertar-se da opressão. Porque a liberação da mulher não é possível sem o desenvolvimento social, não é possível enquanto não tenha garantido um emprego, moradia, condições dignas de vida. Como diz Marx, a liberação é um ato histórico e não mental, e conduzirão a ela as condições históricas e concretas de vida.

Por isso, a luta da mulher faz parte da luta pelo socialismo. Nossa luta pela igualdade de gênero só é possível num processo de derrota do capitalismo e suas políticas, como a luta por aumento de salário, emprego para todos e melhores condições de vida. Ninguém conquista aumento de salário (que é uma luta reformista, e nem por isso nós deixamos de travá-la!) porque a burguesia não dá nada ao trabalhador. Tudo tem de ser arrancado com a luta e a mobilização. A luta contra a opressão da mulher dentro do capitalismo é hoje uma das forças que podem contribuir para o descrédito e a ruína do regime burguês, das políticas burguesas de “gênero”, dos programas populistas das mulheres burguesas e reformistas, cujo único objetivo é destruir a luta das mulheres trabalhadoras pelo socialismo, a única que pode realmente assentar as bases para a verdadeira emancipação feminina. A luta da mulher tem de ser cada vez mais forte contra o regime burguês que destrói ao mesmo tempo o direito da classe explorada de aspirar a um mundo melhor e da mulher de ter garantidos seus plenos direitos e seu desenvolvimento integral como gênero humano.

Nós não depositamos uma gota de ilusão no capitalismo e no regime burguês. E não nos enganamos: a burguesia servil ao imperialismo não vai dar nada para as mulheres trabalhadoras e pobres. A mulher, tolhida por séculos e séculos de opressão, tem de encontrar a via livre para se desenvolver física, mental e espiritualmente. E isso só é possível com condições concretas de vida, o que é incompatível com o regime burguês, da propriedade privada das riquezas sociais, e da exploração de uns por outros.

Não nos enganemos. Está mais que claro que tudo isso só será possível com a derrota do regime burguês e assumindo nós mesmos o poder. A classe trabalhadora, com suas organizações, é quem deve governar. Esse é o único caminho para a emancipação da mulher.

Algumas cras dizem que devemos discutir agora as questões de gênero para poder implementar o socialismo sem formas de

discriminação. Não! Nós discutimos agora as questões relativas à opressão da mulher e lutamos agora contra elas, não para que no socialismo elas não se repitam, mas para derrubar o capitalismo! As mulheres precisam da emancipação, que só poderá vir com salário e emprego. Dentro do capitalismo, isso não é possível de alcançar. Então, virou bandeira de transição. Fazendo essas exigências, que são sentidas pelas mulheres e assim elevamos seu nível de consciência, ao mostrar que elas têm de derrubar este sistema para poderem alcançar isso.

Se no socialismo vai haver discriminação ou não, nós não sabemos. O mais provável é que sim, haja discriminação, nos primeiros tempos, porque como mostrou Marx, a consciência é a última a mudar. Mas se temos garantidas as condições materiais de vida, estão dadas as condições concretas para superar os problemas de consciência. O que é certo, portanto, é que só no socialismo poderemos discutir verdadeiramente, sobre bases concretas de vida, as divisões de gênero. Quando já tenhamos superado os problemas advindos da divisão da sociedade em classes, poderemos discutir a divisão da sociedade em gênero. Antes, é acreditar que com reformas, o capitalismo pode superar esse problema.

Na verdade, devemos até nisso assumir uma postura revolucionária. Devemos parar definitivamente de ficar repetindo esse chavão. A palavra “gênero” deve ser abolida de nosso vocabulário político. E devemos ter uma atitude revolucionária: criar nossos próprios “chavões”, instaurando uma verdadeira guerra de chavões, uma verdadeira disputa pela consciência das mulheres trabalhadoras.

Nosso chavão deve ser: a questão da mulher é uma questão de classe! A emancipação só virá com o fim da sociedade de classes! A classe trabalhadora tem de tomar o poder. É o único jeito de acabar com todas as divisões, entre elas, a de gênero.

Um bom chavão é o título do livro: O GÊNERO NOS UNE, A CLASSE NOS DIVIDE. Vamos usá-lo em tudo o que fizermos: camisetas, panfletos,

faixas, cartazes, nos debates, nos discursos, enfim, machacar na cabeça das pessoas esse “chavão”, para derrotar o chavão reformista, que pede igualdade de gênero sem acabar com o capitalismo, iludindo as mulheres e levando-as a se atrelar à política da burguesia.

Cilinha - dez.2001